

A formação do sistema conventual da cidade de Faro

Catarina Almeida Marado

FCHS – Universidade do Algarve / CES – Universidade de Coimbra

O presente artigo decorre de uma palestra realizada no *VIII Curso Livre de História do Algarve* que consistiu numa reflexão acerca da participação dos espaços conventuais no desenvolvimento urbanístico da cidade de Faro. Nessa ocasião este tema foi abordado dentro de um vasto espaço temporal, que se estendia do século XVI até à atualidade. Considerando que parte dessa intervenção incluiu um trabalho já publicado¹, relativo ao período pós-extinção das ordens religiosas, este texto centrar-se-á apenas no momento anterior e terá como objetivo analisar o processo de formação do sistema conventual da cidade e a sua relação com a estrutura urbana².

A cidade de Faro, apesar de ter tido apenas quatro conventos, constitui um importante caso de estudo para a compreensão do papel que estes edifícios tiveram nas cidades portuguesas. A planta conhecida como “A urbanização das hortas” (Fig. 1) demonstra-o claramente. Neste documento podemos ver que o plano de expansão da cidade no início do século XX consistiu, numa primeira fase, no preenchimento dos “vazios” que permaneciam no seu interior, parte deles constituídos pelas antigas hortas conventuais. Após a extinção das ordens religiosas, os espaços conventuais serviram não só para a instalação de novos equipamentos³, mas também para a construção, programada e desenhada, de novos bairros dentro da cidade consolidada, apresentando um importante contributo para a “renovação” da cidade na transição do século XIX para o XX. Este fenómeno, evidente no caso de Faro, inscreve-se na sequência de acontecimentos urbanos que marcaram as cidades portuguesas deste período.

Por outro lado, ao cristalizar no desenho a cidade de início do século XX, esta planta demonstra ainda a considerável dimensão das parcelas urbanas que pertenciam às ordens religiosas. O que comprova a importância que estas tiveram na cidade nos séculos anteriores. Praticamente todas as descrições de Faro desse período atestam este estatuto, apresentando os conventos como um indicativo do prestígio da cidade e referindo-os como fator de *enobrecimento* da imagem urbana. Numa descrição do século XVIII, por exemplo, podemos ler: “*É esta terra das*

¹ Catarina Almeida Marado. “O destino dos antigos espaços conventuais da cidade”. *Monumentos*, n.º 24. Lisboa: DGEMN, Março de 2006, pp. 32-41.

² Este tema será aprofundado no âmbito do projeto de investigação de pós-doutoramento “Sistemas urbanísticos portugueses de matriz conventual” (desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia) que inclui o sistema conventual da cidade de Faro como um dos casos de estudo.

³ Um museu na igreja do antigo convento de Santo António, um teatro no antigo colégio jesuíta, dois quartéis nos antigos conventos de Santo António e de São Francisco, e uma fábrica no antigo convento das freiras. Sobre este assunto ver Catarina Almeida Marado. Ob. cit.

*Senhoras Rainhas (...) se divide em duas Freguesias (...), e tem muitos edificios públicos, que a enobrecem: entre eles se distinguem a Casa de Misericórdia com Hospital, oito Ermidas, e os Conventos de Religiosos Franciscanos da Província dos Algarves, o de capuchos da Província da Piedade com invocação de Santo António, O Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, e um Convento de Religiosas Capuchas dedicado a Nossa Senhora Madre de Deus.*⁴

A instalação das ordens religiosas em Faro decorreu entre os séculos XV e XVIII. No entanto, dentro deste período podemos distinguir quatro fases. A primeira refere-se à vinda dos frades da Ordem da Santíssima Trindade. Estes religiosos fundaram, em 1415, um hospício na Igreja de São Pedro que abandonaram algum tempo depois, em 1450. A segunda fase, no início do século XVI, foi aquela em que se instalaram os franciscanos capuchos da Província da Piedade e as freiras da Ordem de Santa Clara. Os capuchos chegaram em 1516, mas não conseguiram criar condições para se fixarem na cidade. Regressaram mais tarde, em 1529, a pedido da população, e edificaram uma casa religiosa no atual Largo de São Francisco. O convento de Nossa Senhora da Assunção, de freiras clarissas, foi fundado por volta do ano de 1519, por iniciativa e patrocínio régios. No decorrer das obras foi solicitado aos capuchos que ficassem com a jurisdição das religiosas. Porém, perante a recusa dos frades efetuou-se a substituição destes pelos observantes de Portimão, que ficaram com a casa capucha que transformaram no convento de São Francisco, assumindo o acompanhamento espiritual das irmãs franciscanas.

No início do século XVII foram fundados mais dois conventos em Faro, um dos padres da Companhia de Jesus e outro dos franciscanos da Piedade, naquela que correspondeu à terceira fase. Os jesuítas, depois de alguma insistência por parte das autoridades eclesiásticas e civis aceitaram instalar-se na cidade em 1599. Instituíram primeiro uma casa professa, em 1605, que pouco depois passou a ser um colégio, o Colégio de Santiago Maior. Cerca de um século depois de terem deixado a cidade, os capuchos regressaram a Faro e no ano de 1620 fundaram o Convento de Santo António. A quarta fase da instalação das comunidades religiosas na cidade correspondeu a uma série de tentativas que ocorreram no século XVIII mas que não chegaram a resultar na construção de novas casas conventuais. Sabe-se que os marianos que se encontravam num hospício por detrás da Misericórdia compraram em 1780 um terreno na Horta do Ferragial com a intenção de aí fundar um convento, que não chegou a ser construído. Por outro lado, a comunidade de carmelitas calçados que se encontrava no Convento de Nossa Senhora do Socorro em Lagoa, depois do terramoto de 1722 lhes ter destruído parte do edifício, terá solicitado à Ordem Terceira do Carmo⁵ autorização para se mudarem para a cidade.

⁴ Antonio de Oliveira Freire. *Descripçam corográfica do reyno de Portugal*. Lisboa Occidental : na Off. de Miguel Rodrigues, 1739, p. 154.

⁵ Que acabava de construir uma igreja e com dependências anexas.

Mas os terceiros acabaram por dificultar-lhes a pretensão e os frades carmelitas não chegam a vir para Faro⁶.

Como vimos, as principais fases da instalação das ordens religiosas em Faro ocorreram nas primeiras décadas do século XVI e no início do século XVII, e corresponderam a dois períodos de grande dinamismo de fundações no panorama nacional. No primeiro, implantaram-se em Faro um “par” de casas franciscanas, e no segundo, dois edifícios de ordens “novas”: os jesuítas e os franciscanos da “mais estrita observância”.

A fundação de dois conventos da Ordem de São Francisco, um masculino e outro feminino, numa mesma localidade foi comum logo a partir do século XIII. Após a disseminação dos primeiros franciscanos, no segundo e terceiro quartel desse século, seguiu-se uma vaga de fundações de clarissas que parece ter reproduzido os passos dos frades franciscanos, instalando-se inicialmente onde já existiam casas masculinas: primeiro em Santarém, Lisboa, Coimbra, Porto, e depois em Portalegre, Beja e Guarda. Mais tarde, no século XV, surgiram mais alguns casos de instalação de “pares” de casas franciscanas, como por exemplo, em Setúbal ou Sernancelhe. O que aconteceu em Faro, embora ligeiramente mais tarde, parece ter sido o mesmo fenómeno. Porém, neste caso, a comunidade masculina que inicialmente se encontrava na urbe pertencia ao ramo da “mais estrita observância”, tendo sido posteriormente substituída pelos observantes da Província dos Algarves, devido à necessidade destes frades assegurarem a assistência espiritual das freiras, conforme referimos anteriormente.

Nos primeiros anos do século XVII, a vinda dos jesuítas e o regresso dos capuchos insere-se já noutra momento histórico. Neste período volta a dar-se um acréscimo do número de fundações em Portugal. No Algarve, a quantidade de novas casas religiosas também aumentou significativamente nos primórdios de seiscentos⁷. Nesta data, os jesuítas, que já se encontravam presentes em praticamente todas as sedes de bispado, instalaram-se em Faro, e os capuchos voltaram à cidade para edificar outra casa depois de já terem conventos nas mais importantes localidades do Algarve, em Silves, Lagos, Vila Nova de Portimão, Loulé e Tavira, e também no Cabo de São Vicente. Apesar de se tratar de comunidades bastante diferentes, ambas têm um carácter vincadamente urbano. Nos anos de seiscentos, essa parece ter sido uma característica comum a todas as ordens religiosas, como refere o provincial da Congregação Capucha de Santo António, em 1610: *“Por quanto Nosso Serafíco Padre Sao Francisco, como diz Sao Boaventura, tendo feito muitas oracoes ao Senhor, que lhe inspirasse qual era sua Santa vontade, se viver em os desertos com os Religiosos como Sao Paulo primeiro*

⁶ Balbino Velasco Bayón. *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001, p. 546.

⁷ Catarina Almeida Marado. “O processo de formação da rede monástico-conventual do Algarve (1189-1834)”. *Promontoria – Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. nº. 9, 2011, pp. 95-115.

*Ermitão (...), ou viver junto com os povos, villas, e Cidades, foi revelado por Deus a Gloriosa Santa Clara, e ao Santo Frei Silvestre, que era sua Santa vontade que de tal maneira edificasse Nosso Serafico Padre seus Mosteiros, que nao vivesse so para si, e para salvar os seus Frades, mas tambem para salvar o mundo, e com este intento se vao hoje edificando os Mosteiros de todas as Religioes junto as Villas e Cidades*⁸.

Os locais de instalação de cada uma das comunidades que se fixaram em Faro apresentavam características substancialmente distintas, dependendo não só do tipo de ordem religiosa a que pertenciam, mas também do momento histórico em que ocorre a fundação. Os frades capuchos que chegaram no início do século XVI ficaram acomodados provisoriamente na Ermida de São Sebastião a norte da então vila. Em 1529 deram início à edificação de um convento em terrenos de D. Branca Vilhena, viúva de Rui Barreto, Alcaide Mor de Faro e Loulé, localizados no extremo oposto, a sul do espaço extramuros e a nascente da zona murada. As características deste local correspondiam à tipologia de localização destes religiosos. Neste período, os capuchos da Piedade procuravam relacionar-se mais com o contexto natural do que com o elementos do espaço urbano. O sítio era assim afastado dos limites da cidade, numa cota baixa e em grande proximidade com a água, que nessa data rodeava a parte sul da Vila-Adentro e banhava o atual Largo de São Francisco.

As clarissas, pelo contrário, instalaram-se no interior das muralhas, nas proximidades da Sé, sob a antiga judiaria. Por razões de defesa, as comunidades femininas localizaram-se tendencialmente dentro das áreas urbanas e, ao contrário dos frades, estavam bastante mais condicionadas no que diz respeito à escolha do sítio. Por norma, era quem efetuava a fundação ou patrocinava a construção do edifício que decidia o local para a sua implantação⁹. Neste caso, terá sido a rainha D. Leonor, irmã de D. Manuel.

Os jesuítas que chegaram a Faro ainda no final do século XVI ocuparam umas casas com horta doadas pelo Deão da Sé por indicação do bispo D. Fernando Martins Mascarenhas. Foi neste local, no limite sudeste da área urbana, que edificaram o colégio. Tratava-se de um sítio elevado que proporcionava bastante destaque ao edifício, à semelhança de outras casas da Companhia.

O outro convento que se fundou no início de seiscentos pertenceu aos capuchos que retornaram a Faro cerca de um século depois. As terras doadas por Francisco Martins Rolão e sua mulher D. Branca Roloa para a instalação do

⁸ JOSÉ, Frei Pedro de Jesus Maria. *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal da mais estreita e regular Observancia do Serafim Chagado S. Francisco*, 2.^a ed., 2 vols. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1760, p. 478).

⁹ Muitos dos conventos das clarissas da Provincia dos Algarves localizaram-se junto a antigos Paços, o que demonstra a influência dos fundadores na determinação do sítio e também a sua origem social. Sobre este assunto ver Ana Alves. *Clausura, arquitetura e cidade. Inserção urbana dos conventos femininos da Provincia dos Algarves*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, 2013, p. 155-157.

convento situavam-se do lado norte, numa “*ponta da cidade*”, e os religiosos “*traçaram a igreja no meio de uma estrada, que passa junto delas*”.¹⁰ Desta vez o local escolhido, apresentava características bastante diferentes do da anterior fundação capucha¹¹. Ou seja, encontrava-se no limite da área edificada e relacionava-se com a estrutura urbana no seu lado noroeste.

Para além dos critérios de localização seguidos por cada uma das comunidades religiosas, a sua implantação no espaço urbano dependia de vários outros aspetos. Um deles era a necessária articulação, quer com os elementos urbanos e paisagísticos, quer com as comunidades religiosas já instaladas na cidade. Este último terá sido um fator determinante para a escolha do sítio de implantação das casas regulares, principalmente para as masculinas¹². Estas distribuíam-se tendencialmente em torno da área urbana, onde havia espaço disponível. E respeitavam, na maioria dos casos, uma distância entre si. Este afastamento entre elas, que sendo necessário face às constantes disputas que ocorriam entre os frades pelo “espaço” de pregação principalmente nos primeiros tempos, foi “legislado” no século XIII através de uma bula de Clemente IV. Este documento determinou que os conventos mantivessem entre si um afastamento mínimo, em linha reta, de 500 m¹³. A aplicação destas “regras”, que parece ter-se mantido nos séculos seguintes, resultava invariavelmente na constituição de sistemas conventuais de configuração concêntrica em volta das cidades, quer constituíssem um triângulo, um quadrado ou uma forma circular, dependendo do número de conventos. No caso de Faro, as três casas regulares masculinas implantaram-se em torno da área urbana que a partir de quinhentos se consolidou a norte do primitivo núcleo amuralhado (Fig. 2), ocupando apenas a sua metade nascente por se tratar de uma cidade de litoral que a poente confina com a ria.

Porém, conforme referimos anteriormente, a implantação das várias comunidades ocorreu em dois momentos distintos, com cerca de um século de intervalo. Nos princípios de quinhentos, a instalação, praticamente em simultâneo, de duas comunidades da Ordem de São Francisco na cidade (uma masculina e outra feminina) parece, como vimos, ter continuado uma tendência verificada nos séculos anteriores, e no que respeita às relações que estas casas mantinham entre

¹⁰ Frei Manoel de Monforte. *Chronica da Provincia da Piedade: primeira capucha de toda a Ordem & Regular Obfervancia de noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Lisboa: ed. Oficina de Miguel Deslandes, 1696, p. 668.

¹¹ Sobre a alteração da tipologia de localização dos capuchos da Provincia da Piedade ver Catarina Almeida Marado. *Los edificios de los antiguos conventos capuchos en el Algarve: Localización e integración. Memórias en el espacio urbano*. Tese de Investigação do Período de Investigação do Programa de Doutoramento em “Teoría y Práctica de la Rehabilitación Arquitectónica y Urbana”, para obtenção do DEA na área científica de “Urbanística y Ordenación del Territorio”. Universidade de Sevilha (ETSArquitectura), Sevilha, 2003.

¹² As casas religiosas masculinas são substancialmente distintas das femininas, desde logo nos aspectos relativos à implantação nas cidades.

¹³ A distância foi fixada em 300 canne (o que corresponde a 500 m). Cf. Jacques Le Goff, 1970. “Ordres mendiants et urbanisation dans la France médiévale: état de l’enquête”. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 25e année, n. 4, p. 932.

si julgamos haver também algumas semelhanças, principalmente no que se refere à sua proximidade física. Apesar de localizados em diferentes contextos, as duas casas franciscanas de Faro encontravam-se a pouca distância uma da outra (270 m em linha reta). Esta proximidade é verificável também em muitos outros casos, como por exemplo em Santarém, Coimbra, Guimarães ou Beja.

As outras duas casas que se construíram em Faro no início do XVII, apesar das diferenças óbvias relativamente à sua arquitetura, têm em comum o fato de procurarem a integração na cidade. Instalaram-se no limite da malha urbana e pretenderam estabelecer relações diretas com ela, conjugando-se com a estrutura viária e desenhando novos espaços urbanos defronte das suas igrejas. Para além disso, procuraram também uma necessária articulação com as outras casas existentes, respeitando no entanto a manutenção de uma distância mínima entre elas. Neste caso, as condicionantes relativas a este aspeto eram poucas, uma vez que tanto o convento dos franciscanos como o das freiras, fundados no século anterior, se encontravam a sul da área extramuros (o último dentro das antigas muralhas), deixando livre toda a coroa em torno da cidade, de norte a nascente. Assim sendo, estas comunidades instalaram-se no lado norte. Primeiro os jesuítas na direção nordeste e logo depois os piedosos, a noroeste, respeitando entre si um afastamento de aproximadamente 500 m¹⁴.

Por outro lado, se olharmos apenas para o conjunto constituído pelas três casas masculinas fica evidente que estas se distribuíram em redor da cidade, formando um anel¹⁵ (Fig. 2) que se torna mais perceptível se considerarmos também a localização da igreja da Ordem Terceira do Carmo construída no século XVIII (entre capuchos e jesuítas), ou ainda, a intenção de construção de um convento para os marianos na zona do Ferragial (por trás da Igreja do Pé da cruz). O que constituiria já um segundo anel. Mas se por outro lado, num exercício experimental, aplicarmos a Faro, de forma acrítica, a teoria do “*esquema triangular*” desenvolvida por Enrico Guidoni¹⁶, constatamos que o triângulo formado pelas casas masculinas de Santo António, São Francisco e Colégio Jesuíta tem como baricentro a zona onde se localizava a antiga cadeia (na atual Praça Ferreira de Almeida¹⁷). Apesar da enorme distância cronológica e geográfica destes casos, arriscamos tomar esta indicação como ponto de partida para esboçar esta análise. E assim, aceitamos como hipótese o fato desta interpretação geométrica e abstrata apontar para a importância urbanística desta área na cidade do final do século XVI e início do XVII.

¹⁴ Mais precisamente 460 m em linha reta.

¹⁵ Na verdade, tratava-se de um meio anel porque Faro é uma cidade de litoral.

¹⁶ Enrico Guidoni. *La città: dal Medioevo al Rinascimento*. Roma-Bari: Laterza, 1981, p. 138. Segundo os estudos realizados por este autor sobre a implantação das ordens mendicantes em algumas cidades italianas dos séculos XIII ao XV, os conventos localizavam-se nos vértices de um triângulo cujo baricentro era um ponto central do núcleo urbano, seja ele, a praça, o palácio comunal ou a catedral.

¹⁷ Na atual Praça Ferreira de Almeida encontravam-se dois quarteirões, num deles localizava-se a cadeia e defronte o Largo ou Terreiro da Cadeira.

No entanto, esta mera hipótese toma mais consistência se ampliarmos a escala de análise e a enquadrarmos numa perspetiva morfológica. Deste ponto de vista, verificamos que tanto os jesuítas como os capuchos do século XVII estabeleceram uma relação física com o Largo da Cadeia (que se localizava na parte nascente da atual Praça Ferreira de Almeida). Os jesuítas implantaram o seu colégio no enfiamento da rua que partia do antigo Terreiro do Bispo¹⁸ que, por sua vez, ligava diretamente ao referido largo, e os capuchos fixaram-se no topo da via que saindo do Largo da Cadeia passava pelo Largo de São Pedro e continuava para noroeste (Fig. 2).

Podemos assim concluir que a relação que estes dois edifícios (colégio e Convento de Santo António) estabeleceram com este espaço não era meramente abstrata. Tratava-se antes de uma conexão concreta, conseguida através da estrutura viária, e que julgamos ter sido intencional. Assim, é do antigo Largo da Cadeia que arrancam os eixos de ligação ao Colégio dos Jesuítas (antiga Rua do Colégio, atual Rua do Lethes) e ao Convento de Santo António (antigas Rua da Cadeia e Rua dos Capuchos, atuais ruas Filipe Alistão e Serpa Pinto).

Estes dados indicam que este espaço (também referido como Terreiro da Cadeia) terá tido de facto alguma importância na estrutura urbana do século XVI e XVII. Era nesse pequeno largo que se localizava a Cadeia¹⁹ e para ele convergiam grande parte das ruas que definiam o tecido urbano extramuros: ligava a ponte com a Praça da Rainha, junto à Alfandega, pela Rua do Peixe Frito (atual Rua 1º de Maio) até ao Alto da Murraça; a norte, com o Largo de São Pedro e depois com o Convento dos Capuchos; a nascente, com o Largo do Colégio; e a sul com a via que seguia em direção à Porta das Freiras (atual Arco do Repouso) e Campo de São Francisco. Terá sido este aliás o percurso que o rei D. Sebastião fez ao visitar a cidade de Faro em 1573. Segundo Tânia Rodrigues²⁰, o rei, vindo de Loulé, terá entrado pela Igreja de São Pedro, onde lhe fizeram “*um arco de madeira, a modo de porta muito formoso*”²¹, passou pelo Largo da Cadeia e chegou ao convento das freiras, entrando pela porta nascente das muralhas. Acresce ainda que no *Tombo dos Prédios Urbanos do Concelho*, datado de 1794/95, o Largo da Cadeia aparece identificado como “Praça Velha”²². O que indica que esta terá sido “*a primeira e principal praça quando se chegava a Faro vindo quer de norte quer de nascente*”²³.

¹⁸ Junto do qual se terá instalado o bispo aquando da sua transferência para Faro em 1577, no edifício que posteriormente ficou conhecido como Palacete Doglioni.

¹⁹ Não sabemos desde que data é que a cadeia se encontrava neste local. Depois da extinção das ordens religiosas esta terá sido transferida para o interior da cerca dos capuchos, com entrada junto à sua igreja.

²⁰ Tânia Rodrigues. *Faro na época Moderna: do urbanismo à arquitectura*. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve, 2010, pp. 17-18.

²¹ Francisco de Sales Loureiro. *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984, p. 113.

²² Tânia Rodrigues, ob. cit., p. 18.

²³ Tânia Rodrigues, ob. cit., p. 17. Concordando com Tânia Rodrigues, levantamos a hipótese de que a importância deste espaço poderá ter sido muito anterior. Ele poderá ter constituído o “ponto central” da área da expansão

Estas informações vêm assim reforçar a importância que lhe atribuímos a partir da interpretação da implantação dos conventos na cidade de final do século XVI e início do XVII.

Apesar de este artigo ter como principal objetivo a análise das características da localização dos conventos, não podemos deixar de fazer uma breve referência às consequências urbanísticas da sua presença. Quer individualmente, nas áreas onde se instalaram, quer no seu conjunto, sobre a totalidade do espaço urbano. Relativamente ao primeiro aspeto destacamos, a título de exemplo, o papel desempenhado pelo Convento de Nossa Senhora da Assunção enquanto elemento de renovação urbana. Este edifício, ao se instalar no interior dos muros da cidade, sobre a antiga judiaria, veio produzir uma significativa reformulação desta área. Sabemos que o seu processo de construção foi faseado e feito à custa da sucessiva agregação de edifícios e de parcelas existentes que foram completamente transformadas. Da implantação deste convento terá resultado ainda a conformação de uma praça definida pela sua “fachada pseudo-frontal”²⁴. Para além disso, o “*fare insula*”²⁵, um procedimento que foi habitual entre as freiras, terá ocorrido também neste caso, com importantes consequências para o tecido urbano da Vila-Adentro²⁶.

As outras casas terão tido também um papel preponderante na renovação das áreas onde se implantaram. Porém, ao se instalarem fora do perímetro urbano, a sua ação foi mais significativa nos processos de expansão da cidade. Funcionaram quer como indutores do crescimento da malha urbana, quer criando condicionamentos ao seu desenvolvimento. O colégio jesuíta, em particular, teve uma significativa intervenção nestas duas situações. Apesar de ter atuado também como barreira ao crescimento da urbe, este edifício promoveu, numa fase anterior, o avançar da malha urbana na sua direção. A implantação do colégio neste sítio terá tido em consideração este último aspeto. A resposta dada pelo padre Simão Rodrigues a D. João III relativamente ao fato do Colégio de São Roque de Lisboa ficar fora da cidade, aponta neste sentido. Diz ele: “*Não se arreceie Vossa Alteza de ficar de fora da cidade; a cidade virá juntar-se ao redor da casa*”²⁷. Também assim aconteceu em Faro.

extramuros, antes de este se ter “deslocado” para a frente ribeirinha em finais do século XV com a definição da Praça da Rainha.

²⁴ Termo utilizado por Paulo Varela Gomes para se referir à fachada dos conventos femininos. Ver Paulo Varela Gomes. “A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas” in Virginia Frois (coord.). *Conversas à volta dos conventos*. Évora: Casa do Sul Editora, 2003.

²⁵ Tendência para se individualizarem num único quarteirão. Sobre este assunto ver Helen Hills. *The architecture of devotion in seventeenth-century in Neapolitan convents*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 57.

²⁶ O espaço do convento (edifício, dependências e hortas) constituía um único quarteirão definido pelo Terreiro das Freiras, Rua das Freiras, Travessa das Freiras (que rodeava o conjunto dos lados sul e nascente) e Rua do Castelo.

²⁷ Padre Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, 1945, citado em Manuel Teixeira (coord.). *A Praça na cidade portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001, p. 81.

Para além destas e de outras transformações que os espaços conventuais continuaram a provocar, de forma individual, na malha urbana ao longo dos seus vários séculos de presença na cidade - e que carecem de investigação própria - enquanto conjunto eles tiveram também importantes consequências na definição da forma urbana. O exemplo mais significativo refere-se ao facto dos edifícios conventuais, e mais precisamente as suas cercas, ao se instalarem de forma radial em torno da cidade condicionaram fortemente o seu crescimento. A expansão de Faro dos séculos XVII e XVIII fez-se assim por entre os espaços das suas hortas, contornando os seus limites. Este condicionamento à extensão da malha urbana foi posteriormente agravado pelos muros que nos anos de seiscentos envolveram a cidade, e cujo perímetro foi definido, em grande parte da sua extensão, pelos limites das hortas conventuais. No entanto, a muralha seiscentista começou a ser ultrapassada no século XIX, enquanto as cercas dos conventos se mantiveram rígidas até ao início do XX quando, depois de extintas as ordens religiosas, se começou a programar a *“urbanização das (suas) hortas”*. Podemos assim dizer que foram estes espaços que verdadeiramente condicionaram a expansão da cidade.

Bibliografia

ALVES, Ana, *Clausura, arquitetura e cidade. Inserção urbana dos conventos femininos da Província dos Algarves*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, 2013.

BAYÓN, Balbino Velasco, *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.

FREIRE, Antonio de Oliveira, *Descrição corográfica do reyno de Portugal*. Lisboa Occidental : na Off. de Miguel Rodrigues, 1739.

GOMES, Paulo Varela, "A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas" in Virgínia Frois (coord.). *Conversas à volta dos conventos*. Évora: Casa do Sul Editora, 2003.

GUIDONI, Enrico, *La città: dal Medioevo al Rinascimento*. Roma-Bari: Laterza, 1981.

HILLS, Helen, *The architecture of devotion in seventeenth-century in Neapolitan convents*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

JOSÉ, Frei Pedro de Jesus Maria, *Chronica da Santa, e Real Província da Immaculada Conceição de Portugal da mais estreita e regular Observancia do Serafim Chagado S. Francisco*, 2.^a ed., 2 vols. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1760.

LE GOFF, Jacques, "Ordres mendiants et urbanisation dans la France médiévale: état de l'enquête". *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 25^e année, n. 4, 1970.

LEITE, Padre Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, 1945,

LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

MARADO, Catarina Almeida, *Los edificios de los antiguos conventos capuchos en el Algarve: Localización e integración. Memorias en el espacio urbano*. Tese de Investigação do Período de Investigação do Programa de Doutoramento em "Teoría y Práctica de la Rehabilitación Arquitectónica y Urbana", para obtenção do DEA na área científica de "Urbanística y Ordenación del Territorio". Universidade de Sevilha (ETSArquitectura), Sevilha, 2003.

MARADO, Catarina Almeida, "O destino dos antigos espaços conventuais da cidade". *Monumentos*, n.º 24. Lisboa: DGEMN, Março de 2006, pp. 32-41.

MARADO, Catarina Almeida, "O processo de formação da rede monástico-conventual do Algarve (1189-1834)". *Promontoria – Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. n.º. 9, 2011, pp. 95-115.

MONFORTE, Frei Manoel de, *Chronica da Província da Piedade: primeira capucha de toda a Ordem & Regular Obfervancia de noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Lisboa: ed. Oficina de Miguel Deslandes, 1696.

RODRIGUES, Tânia, *Faro na época Moderna: do urbanismo à arquitetura*. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve, 2010.

TEIXEIRA, Manuel (coord.). *A Praça na cidade portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.



Figura 1 - Planta da cidade de Faro (início do séc. XX): a “urbanização das hortas” in Raul Proença, *Guia de Portugal*, 1927, vol. II



Figura 2 - Planta atual do "centro histórico" cidade de Faro (s/ escala)

1. Antigo Convento de São Francisco
2. Antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção
3. Antigo Colégio de Santiago Maior
4. Antigo Convento de Santo António
5. Sé Catedral
6. Igreja de São Pedro
7. Igreja do Pé da Cruz
8. Ermida de São Sebastião
9. Igreja do Carmo
10. Antigo Largo da Cadeia (parte da atual Praça Ferreira de Almeida)
11. Antigo Terreiro do Bispo (atual Largo do Terreiro do Bispo)
12. Antigo Largo do Colégio
13. Largo de São Pedro
14. Antigo Alto da Murraça
15. Antiga Porta das Freiras (atual Arco do Repouso)
16. Largo de São Francisco
17. Antiga Praça da Rainha (atual Praça D. Francisco Gomes)